

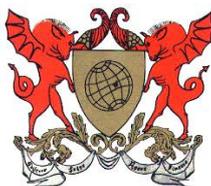
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS DAS CRIANÇAS POR MEIO DAS LETRAS
DE FUNK**

Taís Fernanda Cardoso da Silva

Viçosa-MG

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

TAÍS FERNANDA CARDOSO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação da Professora Doutora Heloisa Raimunda Herneck e com a co-orientação da mestranda Carolina Alvarenga.

Viçosa-MG

2017

Agradecimentos

Agradeço imensamente à Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para concluir esse trabalho. Sem ele, nada disso seria possível. À UFV, por me proporcionar essa oportunidade única. À minha família por todo apoio e incentivo. À minha orientadora e co-orientadora que me apoiaram cada etapa deste trabalho. À todos meu muito obrigado!

Resumo

Este trabalho tem como tema a sexualização dos corpos das crianças por meio das letras de funk, tendo como objetivo investigar a produção de subjetividade negra e infantil, pelas letras de funk com estudantes de uma Escola Municipal da periferia de Viçosa, em que participei como bolsista PIBID. Além das observações realizadas enquanto bolsista, apliquei um questionário e realizei entrevistas aos estudantes com objetivo melhor compreender a relação dessas crianças com o funk. Para análise fiz um breve estudo sobre o funk e sua influência na cultura negra. Para compreender o conceito de subjetividade busquei em leituras de Lopes e Deleuze e construí o meu entendimento sobre a mesma e a partir daí analisei a produção de subjetividades negras e infantis por meio das letras de funk. Os resultados apontam que as músicas mais cantadas/dançadas pelas crianças trazem uma colotação sexual, apologia à pedofilia e a violência contra mulheres. As crianças repetem o tipo de música que ouvem em sua comunidade, e que influenciam na formação de suas subjetividades, uma vez que apontam como sendo o tipo de mulheres e homens que gostariam de ser. Portanto, o tipo de música que ouvem/cantam são produtores dos modos de ser e existir das crianças da periferia. Ao colocar as crianças com um outro tipo de funk, mais político, percebi que é possível, trabalhar com e a partir das letras para a produção de outros modos de existir.

Palavras-chave: sexualidade e funk, subjetividades infantis, cotidiano e periferia.

Sumário

1- Introdução.....	06
2- Percursos Metodológicos da pesquisa.....	08
3- Funk: O que é isso e de onde veio.....	10
3.1- Funk, Negritude e sexualização.....	13
3.2- Construção de Subjetividades.....	15
4- Produção de dados.....	16
5- Considerações Finais.....	21
6- Referências.....	22
7- Anexo.....	23

1- Introdução

Em 2014, meu segundo ano no curso de pedagogia, comecei a participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência), que é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica. Sendo assim, tive a oportunidade de me inserir em uma escola, e acompanhar uma turma do quarto ano do ensino fundamental, auxiliando a professora e os estudantes, e às vezes participar do planejamento das atividades e desenvolvê-las com as crianças.

Comecei a atuar em uma escola Municipal em um bairro da periferia de Viçosa/MG onde permaneço até hoje. Quando tive o primeiro contato com os estudantes, comecei a observar suas maneiras de falar, agir... ou seja, percebi que os estudantes que habitavam aquele espaço, tinham suas formas próprias, específicas daquele lugar, ou, daquele grupo que era em sua maioria crianças negras, residentes nas proximidades da escola, que tinham os mesmos gostos inclusive pela música, o funk. Enquanto isso comecei a refletir em como umas crianças influenciavam as outras, o que hoje entendo como construção de subjetividades - o espaço íntimo do indivíduo, o que é próprio de cada pessoa, de seu pensamento, de seus sentimentos, comportamentos, crenças e etc.

Acompanhando a turma com um olhar atento, consegui perceber que as crianças reproduzem o que veem nos desenhos e nas novelas que elas costumam assistir, e que estes/estas influenciam na maneira de se vestirem, principalmente as meninas, no vocabulário e nas brincadeiras.

Outra forte influência presente na escola é a música, em especial os funks. As crianças cantam o tempo todo, enquanto estão fazendo atividades, nas aulas de educação física, no recreio. A música mais cantada é o funk, e apesar de ser proibido pela direção da escola, é muito visível a preferência por tal estilo musical.

É bastante comum vermos as crianças dançando ao som de letras carregadas de sexualidade, repetindo várias vezes o mesmo refrão, e gesticulando sensualmente, imitando os clips musicais. As letras das músicas

trazem trechos compõe o ritornelo que objetivam penetrar na cabeça das pessoas e lá ficar gravada, de forma que mesmo inconsciente são repetidas inúmeras vezes. Essas passam a substituir as brincadeiras do recreio, por cantinhos de danças, competições musicais, etc., o que pode dar espaço a uma mentalidade adulta muito precoce. O que pode se tornar um meio propício para a erotização infantil, e conseqüentemente o desenvolvimento da sexualização dos corpos.

A partir das minhas reflexões e inquietações sobre a problemática, considere relevante realizar uma pesquisa sobre a temática para analisar qual a influência do funk na construção social dessas crianças? De que modo a letra de uma canção pode influenciar seu comportamento? Será que o funk se torna um meio para a sexualização dos corpos das crianças? Como tal processo pode ocorrer?

Com esses questionamentos, dentre vários outros, a que tal temática me remete , decidi acompanhar a produção de subjetividade negra e infantil, pelas letras de funk mais ouvidas pelas crianças da Escola Municipal que participava como bolsista PIBID.

Para isso pretendo mapear as letras de funk mais ouvidas pelas crianças, e problematiza-las enquanto produtor de modos de ser e existir das crianças da periferia, bem como analisar as formas de subjetivação relacionadas à negritude e sexualidade.

2- Percursos metodológicos da pesquisa

Ao definir o que iria pesquisar, apresentei à diretora da escola o meu objetivo para que tivesse sua autorização. A seguir fiz o mesmo com a professora responsável pela turma. Após a autorização de ambas expliquei aos estudantes que faria uma pesquisa com eles e elas e, como seria realizada.

A escola pesquisada atende em média 300 estudantes sendo, considerada uma escola pequena. A escola não possui biblioteca nem laboratórios, e a sala de informática ainda não está funcionando, sendo utilizada como sala de aula. Depois de muitas reivindicações dos funcionários, a prefeitura do município deu início as obras, que irão beneficiar a escola com mais salas de aula, e então, provavelmente, daqui a alguns meses pode ser que essa situação tenha se resolvido.

A escola foi escolhida por ser localizada em um bairro da periferia e pelo fato de eu já estar em tal escola há cerca de três anos como bolsista do PIBID, o que me permite um maior conhecimento da escola e da realidade local, além da facilidade de acesso aos dados. As crianças que a frequentam moram em seus arredores, são na maioria negras e trazem em seus modos de ser características de suas periferias como por exemplo, a grande ligação com o funk.

Meu objetivo geral é investigar a produção de subjetividade negra e infantil nas letras de funk mais ouvidas pelas crianças dessa escola. A turma pesquisada possui doze estudantes, sendo quatro meninos e oito meninas com idades entre 09 e 11 anos. Ela foi escolhida pelo fato de ser a turma que eu acompanho como bolsista do PIBID desde o início do ano de 2017, e também por ser a que me motivou a pesquisar sobre este tema.

Para responder ao objetivo desta pesquisa, realizei um estudo sobre o funk afim de entender mais a influência do mesmo em nossa cultura. Também fiz um levantamento das músicas mais cantadas e dançadas pelas crianças, bem como uma análise do conteúdo das letras. Depois foram realizadas entrevistas e aplicado um questionário a estudantes que mais cantavam e dançavam essas músicas, com objetivo de saber se as letras possuem algum significado para elas ou se são meras repetições automáticas de sons e ritmos.

A partir destas informações analisarei a produção de subjetividades negras e infantis por meio das letras de funk.

Para as entrevistas e aplicação do questionário utilizei o horário do recreio, por ser este mais flexível e descontraído. E após o recreio, fui para a sala das professoras, que naquele momento ficava vazia, e chamei um/a por vez, para as entrevistas e assim evitar que um pudesse influenciar na resposta do outro.

O questionário (Anexo 1) teve quatro perguntas, que foi respondido manualmente pelos doze estudantes da turma. As questões versaram sobre: o gênero musical que mais ouve; nome de uma música que mais gosta; o motivo de gostar dessa música; onde costumava ouvi-la. Realizei também uma conversa informal com a professora da turma, a fim de saber sua opinião sobre a temática.

Após a produção dos dados do questionário, busquei na internet as letras de funk que foram citadas na entrevista para analisá-las. Diante do grande número de músicas citadas, decidi por escolher as que se repetiam mais nas respostas. As músicas de maior frequência foram: “Ela quer pau”, Mc Pikachu; “Hoje eu acordei com o pé direito”, Mc Davi; “Baile de favela”, Mc João; “Lei do Retorno”, Mc Hariel e Mc Don e Juan. Dentre estas escolhi duas para a análise. Em que procurei identificar conteúdos relacionados à sexualidade, cor e estilo de vida na periferia. Antes, porém, de apresentar as letras das músicas, vou apresentar um pouco do que estudei sobre o funk.

3. Funk: o que é isso e de onde veio?

O funk teve origem nos Estados Unidos nos anos 1960, e foi criado através de uma mistura de outros gêneros musicais afro-americanos, como o jazz, o blues e soul music, que é o resultado da mistura do rhythm & blues e da música gospel:

Descendente direto do soul, do rhythm & blues e do jazz, o funk nasce oficialmente nos anos 1960 por meio de uma intervenção genial de James Brown (...) Brown é apontado como inventor do funk graças a sua mudança rítmica tradicional de 2:4 para 1:3. (MEDEIROS, 2006. P.14).

A origem do termo está fortemente associada ao sexo: “tratava-se de uma gíria dos negros americanos para designar o odor do corpo durante as relações sexuais” (MEDEIROS, 2006, p. 13). Foi por volta de 1968 que a gíria “funky” perdeu seu significado pejorativo e passou a remeter seu sentido a algo como orgulho negro (VIANNA, 1988, p.20).

O funk é um “gênero musical” bastante popular no Brasil, principalmente nas favelas do Rio de Janeiro. Embora tenha surgido nos EUA, foi pouco a pouco se modificando dentro das periferias, misturando com outros gêneros até se tornar o que temos hoje.

No Brasil, o funk surgiu no final dos anos 1970, nas periferias cariocas, porém os primeiros bailes foram realizados na zona sul. Mas, com o crescimento da MPB (música popular brasileira), os bailes funks, também chamados de “bailes da pesada” foram transferidos para as periferias, e a cada fim de semana esses bailes aconteciam em um bairro diferente. (VIANNA, 1988. p. 24)

Por morar em um bairro periférico da cidade de Viçosa-MG, meu contato com o funk foi bem precoce. Meu pai não gostava desse gênero, segundo ele a maioria das letras eram indecentes e inapropriadas para crianças, então eu e meus irmãos éramos proibidos de ouvir. Mas era quase impossível não ter contato com as músicas, uma vez que eram sempre tocadas em alto e bom som nas casas dos vizinhos e em bares do bairro. E os ritmos têm uma batida

forte e atraente, e as letras, às vezes, engraçadas e repetitivas, despertavam muito o interesse em ouvi-las e dançá-las.

Naquela época em que eu ainda era uma criança, nos anos de 1990, os funks eram bem diferentes dos que temos contato hoje. As letras eram mais centradas em temáticas de amor, o que era chamado de “funk melody”. Outro subgênero do funk muito tocado é o “funk consciente”, que retrata o dia a dia das favelas com o objetivo de mostrar o sofrimento dos moradores, os problemas, o descaso do Estado, os maus tratos da polícia, etc. e, além disso, conscientizar as pessoas, ao mostrar a realidade sobre as violências e o tráfico.

As músicas com conotação erótica, letras vulgares, que promove exaltação da violência e do tráfico de drogas, e principalmente a sexualização do corpo feminino são os chamados “funk proibidão”, que na maioria das vezes retratam a realidade de favelas, principalmente as do Rio de Janeiro. Mas essas músicas eram pouco divulgadas fora das favelas, pois era ali onde aconteciam os famosos bailes funks, dessa forma grande parte da população tinha pouco contato com elas.

Após sua chegada ao Brasil, o funk veio ganhando espaços nunca imaginados, e adentrando a televisão brasileira começou a ser tocado em novelas e programas da grande mídia:

O sonho dourado dos funkeiros se tornou realidade em junho de 1994, quando a apresentadora infantil Xuxa inaugurou em seu programa de todo sábado, o *Xuxa Park*, o quadro *Xuxa Park Hits* – uma espécie de parada de sucessos, com a participação, em caráter experimental, do Dj Malboro. Era mais ou menos como se o funk entrasse pela porta da frente da TV, com tapete vermelho. (...) Malboro tanto fez, porém, que acabou virando atração fixa da *Xuxa Park Hits*, permanecendo no ar durante três anos. (ESSINGER, 205, p. 135, 136)

Porém, enfrentou um grande desafio, ao lidar com o preconceito e a difamação por parte da mídia, dos “formadores de opinião”, que viam o funk como uma forte influência ao crime. (SÁ, 2009, p. 9)

No início do ano de 2001 surgiu uma nova onda do funk, os bondes, que eram formados por uma geração que cresceu nos bailes, em sua maioria

moradores das favelas e comunidades do Rio de Janeiro. Esses grupos assumiram coletivamente a denominação de bonde, não o bonde que a classe média conhecia dos noticiários – o do comboio dos traficantes – mas o de grupos de funk, formados por um ou mais MC's e um punhado de dançarinos. (ESSINGER, 2005, p. 199,200).

A forte conotação sexual que envolvia as letras apresentadas pelos bondes era visível, utilizando na maioria das vezes refrãos simples e com termos repetitivos, o que fazia com que os ouvintes as decorassem com facilidade. Tais letras passam uma imagem de que o funk é um estilo extremamente sexual, vulgar, violento e cada vez mais ostentador. As constantes referências às partes íntimas do corpo tanto feminino, quanto masculino, têm feito desse gênero um verdadeiro instrumento de sexualização do corpo humano. E desde 2001 até hoje nos deparamos com letras de funks machistas, preconceituosas e cada vez mais sexualizadas.

E foi exatamente isso que me motivou a pesquisar sobre a sexualização dos corpos infantis por meio do funk. Este traz uma conotação dos corpos, que mesmo sem estar despido, é visto de forma hipersexualizada, como se fosse uma mercadoria para ser analisada, degustada e usada.

3.1. Funk, negritude e sexualização

A negritude se originou nos movimentos culturais protagonizados principalmente por negros, que desde as primeiras décadas do século XIX, lutavam por um renascimento negro, que consistia na busca e revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares, principalmente em Haiti, Cuba e Estados Unidos da América. Porém, o termo “negritude” apareceu pela primeira vez escrito pelo poeta Aimé Césaire, em 1938, em seu livro de poemas "*Cahier d'un retour au pays natal*"; e está associado ao trabalho reivindicativo de um grupo de estudantes africanos em Paris. E ainda hoje essa constante luta pela valorização da cultura negra se faz cada vez mais presente.

Com a abolição da escravidão, em 1888, e posteriormente, a derrubada dos cortiços no centro da cidade, o Rio de Janeiro sofreu grandes transformações urbanas, que resultaram na remoção da população negra, para onde hoje chamamos de favelas. Segundo o Ipea 2012 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) os negros são maioria nas favelas.

Como dito, o funk é um gênero musical que, no Brasil, surgiu no final dos anos 1970, nas periferias cariocas, o que o faz ter uma ligação muito forte com o negro. A partir de 1980 há um aumento considerável no número de DJ/produtores, e o funk se difundiu de tal maneira nas periferias do Rio de Janeiro, que o número de jovens que frequentavam os incontáveis bailes funks, apenas na região metropolitana, podia superar a casa de um milhão (VIANNA, 1988).

Dessa forma, o funk começa a se consolidar como um apoio para a identidade negra. É o que mostra uma pesquisa comparativa feita por Lívio Sansone (2003, p. 29) entre bailes funks de Salvador e do Rio de Janeiro.

Os entrevistados nas duas cidades ressaltam que há uma ligação entre raça (pele negra) e funk – entre dançar bem e ser negro. Na realidade, o baile funk é o lugar onde jovens negros podem se sentir bem [...] (SANSONE (2003, p. 29)

Assim, pode-se dizer que esse gênero musical diz respeito, sobretudo, aos jovens de classe baixa, negros oriundos de periferia. Porém, ao relacionar o funk à negritude deve-se tomar muito cuidado, pois ao ouvi-lo é possível

perceber que geralmente esta ligado à prostituição, aos mais baixos valores morais, relacionados principalmente ao sexo e a criminalidade, incluindo a exploração e a sexualização da mulher (sobretudo a negra), e ao incentivo à pedofilia. E ao fazer essa relação, corremos o risco de associar o negro a esses valores negativos vinculados a esse gênero musical, assumindo uma postura preconceituosa.

Mas, o que muitos não sabem é que para os negros, o funk é visto como a voz da periferia, onde eles podem expressar seu cotidiano, sua revolta e seus pensamentos, e se fizerem ouvir, já que isso quase nunca acontece.

Dessa forma, reduzir o funk apenas a um estilo musical é desconsiderar a construção da identidade dos negros, assim como desconsiderar também a atuação tão importante de cantores, e principalmente cantoras como: Tati Quebra-Barraco e Valesca Popozuda, que por meio do funk conseguem dialogar com grande parte das mulheres negras que vivem em periferia mostrando a forma como lidam com a dor de ser mulher em uma sociedade machista e preconceituosa. E essa atuação do funk se faz tão presente nas periferias e é tão importante para quem nela mora, que em 2013 este gênero musical foi reconhecido como manifestação cultural.

Em 2013 a Comissão de Cultura da Câmara caracterizou o ritmo como manifestação cultural, porém, no Rio de Janeiro o funk já é considerado patrimônio cultural desde 2009. Isso significa que o estilo musical é uma expressão característica brasileira e que o poder público tem o dever de preservá-la e garantir que ela se desenvolva. (CAMARALIGADA, 2014).

E isso pode não ter muita importância pra quem não vive a realidade das periferias brasileiras, e está alheio às problemáticas mazelas da população que vive nas favelas.

3.2 Funk: Construção de Subjetividades

Se consultarmos um dicionário veremos que o termo subjetividade é caracterizado como aquilo que se passa no íntimo do indivíduo. É como ele vê, sente, pensa a respeito de algo e que não segue um padrão, pois sofre influências da cultura, educação, religião e experiências adquiridas.

Nesse sentido, entenderemos que o funk, enquanto cultura, influencia na construção da subjetividade dos indivíduos que o assume como tal, o funk é cultura, independente se um ou outro o considera ou não.

Para Gilles Deleuze e Félix Guattari a subjetivação é fruto da fabricação imaginativa do inconsciente. Segundo eles, a construção do “eu” não é um fato isolado, se influi por um cotidiano, normas, julgamentos e práticas.

Lopes (2010), na busca de compreender como ocorre o nosso processo de subjetivação, busca em Deleuze (1991), o conceito de dobra da subjetivação, e compara o nosso “eu” a uma dobradura de origami:

Não existiria um ‘dentro’ e um ‘fora’ sendo tudo agenciado numa mesma superfície, onde o ‘dentro’ nada mais é do que uma maneira singular de dobrar o ‘fora’. Cada dobra de subjetivação não seria correspondente a uma interpretação da realidade, mas uma dimensão verossímil e intensa de realidade, não havendo nada a ser revelado ou descoberto para além das linhas que organizam sua consistência. (LOPES, 2010, p. 10).

Assim, não somos resultado de um único meio de subjetivação, mas sim de vários. A produção de nossa subjetividade não diz respeito somente ao nosso modo de pensar, agir e se relacionar, ela engloba todas as peculiaridades presentes à condição de ser sujeito, envolvendo as capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais de uma determinada pessoa, e continua sendo produzida à medida que nos relacionamos o mundo. Portanto, a subjetividade é constituída por fatores internos e externos.

A partir do momento que somos afetados pelo mundo que nos cerca, fabricamos nosso próprio eu. Em relação ao gênero musical funk, podemos o considerar como um meio de subjetivação, uma vez que ele é considerado uma expressão cultural da juventude negra e da representação do seu cotidiano.

4. Produção dos dados

Assim que são lançadas, essas músicas já são facilmente acessadas através da internet, são tocadas em rádios, bailes funks e viram febre especialmente entre as crianças e adolescentes da periferia. Essas podem ser fortemente influenciadas pelas expressões verbais e de comportamento que transmitem.

A seguir apresentarei a letra de duas das duas músicas de funk que foram mais citadas pelos estudantes participantes da pesquisa, e problematizarei essas letras em relação aos temas ligados a negritude, vida na periferia e sexualidade presentes nelas, tendo como base o referencial teórico deste trabalho.

A primeira música é “Lei do Retorno”, lançada no ano de 2017, pelos Mc’s Hariel, Don e Juan

Eu te amava no tempo da escola
Mas você não me dava atenção
Pedi uma chance, até duas.
Mas você só me disse não

Mas você só me disse não
Mas você só me disse não
Mas com o tempo eu parei e fiz essa canção

Vou marcar de te ver e não ir
Vou te comer e abandonar
Essa é a lei do retorno
E não adianta chorar

Então pode ligar, me implorar
Sei que a Meiotá vai te atirar
Quando nós passar só pra atracar
E a sua memória refrescar

Nesta música, do Mc Hariel e Mc Don e Juan, há claramente um incentivo ao mau trato e a violência contra mulher. Além disso, é possível perceber que ela instiga a vingança, como o próprio título da música coloca. Traz o amor não correspondido dos tempos de escola e “naturaliza” uma conquista para vingar, o que pode ser entendido como se a mulher não tivesse o direito de dizer não: “Pedi uma chance, até duas. Mas você só me disse não”.

A senda música é Baile de Favela, lançada no ano de 2014, pelo Mc João

Ela veio quente, e hoje eu tô fervendo
Ela veio quente, hoje eu tô fervendo
Quer desafiar, não to entendendo
Mexeu com o R7 vai voltar com a xota ardendo (vai)

Que o Helipa, é baile de favela
Que a Marconi, é baile de favela
E a São Rafael, é baile de favela
E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)

Eliza Maria, é baile de favela
Invasão, é baile de favela
E as casinha, é baile de favela
E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)

Que o Hebron, é baile de favela
A bailão, é baile de favela
E na rua 7? Baile de favela!
E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)

Essa música virou febre no ano de 2016. Foi muito tocada (e ainda é) em rádios, baladas, até mesmo na televisão. Se analisarmos esse trecho: *“Mexeu com o R7 vai voltar com a xota ardendo (vai)”*, é possível perceber a banalização do órgão sexual da mulher, que recebe vários apelidos. E nesse trecho *“E os menor preparado pra foder com a xota dela”* a utilização do termo *“menor”*, mais uma vez, nos leva a entender que a cultura do estupro tem influência sobre crianças e adolescentes cada vez mais cedo.

Sabemos que a música, assim como tudo que está presente em nosso ambiente, é capaz de nos influenciar. A música pode afetar nosso caráter, pois cada pessoa é capaz de trazer para dentro de si a harmonia que acaba influenciando nos pensamentos, nas emoções, na saúde, nos movimentos do corpo, na produção de saberes, enfim, em todo o nosso ser. (CARTER, 2009).

(...) a música possui quatro funções principais: ela atua no sentido de melhorar a atenção, vinculada ao treinamento do desenvolvimento motor e/ou cognitivo; estimular habilidades sócio-comunicativas; favorecer a expressão emocional e esclarecimento e estimula o pensamento e a reflexão sobre a situação de vida da pessoa. (RUUD, 1990. P. 87)

Se partirmos do pressuposto de que a construção das identidades está diretamente relacionada ao meio em que o sujeito está inserido, à suas crenças, culturas, comportamentos, entre outros aspectos, posso acreditar que o funk, sendo considerado como uma cultura surgida nas periferias, tem grande influência na construção de subjetividades dos indivíduos, neste caso específico, das crianças da Escola Municipal pesquisada. Fato que pude perceber nos relatos das crianças. Uma das alunas de 09 anos, inclusive me relatou que frequenta baile funk em seu bairro, as escondidas. Os trechos das entrevistas feitas com os estudantes confirmam essa influência e os processos de subjetivação produzidos pelo funk.

“Quando eu crescer só vou andar de ‘nave do ano’, vou pegar todas as ‘novinhas’. (V 10 anos).

“Quero engravidar com 14 anos,” (M.L 09 anos).

Sabemos que o funk nada mais é que uma expressão da realidade das comunidades e deve ser respeitado como a cultura das pessoas que ali vivem. Porém, ao analisar as letras mais ouvidas pelos estudantes entrevistados, constatei que elas abordam temas como sexo, violência contra mulher, apologia ao crime e ao uso de drogas, entre outros.

A influência dessas letras influencia negativamente na imagem da mulher como submissa, como objeto de prazer do homem. Assim, ao invés delas serem independente, que luta contra o machismo, que é capaz de construir um futuro brilhante, com uma autoestima sólida), tornam-se a mulher “poderosa”, por possuir um corpo desejável, sempre submissa e dependente do homem. Podemos pensar também na influência que essas letras têm na imagem do homem, que sempre é colocado como superior à mulher, trazendo um discurso machista e violento. Percebo essa sexualização do corpo das meninas participantes da pesquisa por meio da convivência com elas na escola e em suas falas em conversas comigo: *“Tia, como que faz a ‘bunda’ crescer? Quero ficar com um ‘rabetão’ igual a moça do clipe.” (M.L 09 anos).*

No entanto, apesar de muitas vezes ser visto com maus olhos, o funk é reconhecido como movimento cultural e musical de caráter popular no Rio, e

como tal, cumpre sua missão de dar visibilidade a uma parcela da população estigmatizada e marginalizada.

Assim, em relação às crianças da Escola Municipal pesquisada, e sua preferência pelo funk, penso que é impossível proibir, já que elas manifestam sua cultura. Porém, podemos ensiná-las a conviver da melhor forma possível. É o que diz a professora da turma em entrevista:

“Compreendo o funk como uma manifestação cultural dos estudantes, portanto não é algo que podemos ignorar no ambiente escolar. O maior problema é a falta de fiscalização por parte da família, que muitas vezes não tem conhecimento do que os filhos ouvem ou veem. (grifo meu)”

Muitas crianças recebem estímulos sexuais através das letras ou coreografias dessas músicas e são envolvidas precocemente com sentimentos que não compreendem ou não sabem lidar.

Penso que a escola pode usar as letras das músicas como uma forma de análise do papel da mulher, do respeito e da tolerância. Conscientizar os estudantes que todas as músicas estão passando uma mensagem para o ouvinte, então temos que ser críticos em relação ao que escolhemos ouvir.”

Assim como a Raquel, professora da turma entrevistada, acredito que o funk pode ser utilizado nas escolas com um instrumento pedagógico, já que é algo tão presente na realidade de tantas crianças, e de alguma forma chama e prende a atenção delas. Considerando algumas letras, seria possível debater e leva-los a refletir sobre temas como preconceito, gênero, violência, política, criminalização, pobreza, entre outros, além de outras atividades que poderiam abordar o funk como cultura.

Durante todo esse tempo em que acompanhei essa turma, pude perceber como elas são influenciadas pelo funk, principalmente através de suas falas, dos comportamentos. Como citei acima, as crianças cantam, seja dentro de sala, ou na hora do recreio, e o tempo todo elas fazem gestos e movimentos corporais ligados a gênero e sexualidade, assim como projetam para seus futuros serem as representações de mulheres e homens retratadas nas letras do funk.

Importante ressaltar o grifo meu em um trecho da entrevista da professora: “O maior problema é a falta de fiscalização por parte da família, que muitas vezes não tem conhecimento do que os filhos ouvem ou veem”. Nesse

sentido, no que se refere ao olhar da família sobre o que as crianças ouvem, não podemos esquecer, que se trata de uma cultura, que também é da família, do bairro, da periferia em que vivem. Portanto, não dá para esperar que seus pais e/ou amigos e outros familiares tenham uma análise mais crítica sobre as letras das músicas que ouvem. Pois é justamente neste espaço que convivem e aprendem. A tarefa então é direcionada para a escola, enquanto instituição formadora, construir uma consciência crítica em relação às letras de funk a partir da cultura das crianças.

Um fato acontecido na escola, me mostrou que é possível produzir com as crianças. Para comemorar o aniversário meu e de outra estagiária, as crianças resolveram fazer uma festa surpresa. Nesta oportunidade fizemos várias brincadeiras, comemos, bebemos, e antes de cortar o bolo as meninas pediram para que colocássemos músicas no celular para elas dançarem. Como eu não tinha levado meu celular, a estagiária colocou sertanejo para tocar. Elas não gostaram e disseram que queriam dançar funk.

A estagiária consultou à professora, e ela disse que poderia colocar a música solicitada para tocar, porém pediu para que ela escolhesse músicas sem conotação sexual, e assim ela o fez. Eles adoraram, e começaram a dançar. Eu fiquei admirada porque, todas, sem exceção, sabiam dançar as coreografias impecavelmente. Percebi que outros funks poderiam estar sendo levados para a escola, unindo prazer e aprendizagem, além de introduzir outros tipos de funk, que não “fira” as normas da escola, no que diz respeito à censura, mas que eles podem aprender e apresentar as suas famílias. Nem todo funk é pornográfico, nem todas as letras influenciam as crianças de forma negativa.

A experiência proporcionada por este tempo de convivência com os estudantes desta escola mostrou o quanto o funk influência no modo de agir e ser destas crianças que o ouvem e reproduzem as músicas. Tentam imitar e sonham ser iguais as cantoras e cantores de funk ou os personagens apresentados nos clips. Isso demonstra a influência da música nas subjetividades dessas crianças.

5. Considerações finais

A construção da identidade de um indivíduo acontece por meio das relações que mantém com o meio em que está inserido e com tudo que o atravessa. Dessa forma, somos fruto das nossas experiências, crenças, culturas, relações, entre outros fatores. É a definição de quem esse indivíduo é, nunca se fecha, enquanto vivermos.

O funk é uma manifestação cultural ligada à periferia. podemos observar que muitas vezes este gênero musical não é aceito, e enfrenta uma grande rejeição por parte da sociedade, isso talvez se explica pelo fato de algumas letras estarem ligadas à pornografia e ao crime. Porém, como manifestação cultural das periferias, o tema de suas letras retrata exatamente aquilo que é visto ou vivido nas comunidades e favela. De gênero musical, o funk passa a ser liberdade de expressão da periferia.

Portanto, eu, como estudante de pedagogia, e futura educadora, apoio a valorização do funk nas escolas, e creio que não devemos proibir nossos estudantes de manifestarem suas culturas, seja onde for. Neste contexto, acredito que o papel do educador não é o de proibir, muito menos o de julgar, mas sim o de orientar essas crianças sobre aquilo que se é ouvido, visto, falado.

Não podemos querer tirar delas aquilo que as pertence, mas sim contribuir para que consigam fazer escolhas que possam valorizar sua cultura.

6. Referências

CAMARALIGADA. Cultura do funk. Disponível em:
<<https://camaraligada.wordpress.com/2014/06/11/cultura-do-funk/>> Acesso em:
23 de agosto de 2017.

DELEUZE, Gilles, (1992). **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34

ESSINGER, S.(2005). **Batidão**. Uma História do Funk. Rio de Janeiro: Record.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HERSHMANN, Micael, Funk um circuito marginal/alternativo de produção e consumo e cultural. in: **Revista Lugar Comum** n° 5-6, p. 59-80, 1998

JORNAL DO BRASIL. **Funk, racismo e periferia**. Disponível em:
<http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2015/01/30/funk-racismo-e-periferia/> Acesso em: 20 de agosto de 2017.

LOPES, Adriana. **Funk-se quem quiser**: No batidão negro da cidade carioca. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

LOPES, Eduardo Simonini. MATOS, Auxiliadora Aparecida de. Gênero e Devir. **Cadernos de Psicologia**, v.4, n.5, PUC Minas. Belo Horizonte. 1996. P. 50-60.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2006.

RUUD, E. **Música e Saúde**. 2ª ed São Paulo: Summus, 1986.

SÁ, S.P. Som de preto, de proibidão e tchuchucas: o Rio de Janeiro nas pistas do funk carioca. In: A. PRYTHON; P. CUNHA (orgs.), **Ecos Urbanos** – A Cidade e suas articulações midiáticas. Porto Alegre/Rio de Janeiro.

SANSONE, L. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2003, 335p.

VIANNA, H. **O mundo Funk Carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

VIANNA, Hermano. **O Baile Funk carioca**: festas e estilos de vida metropolitanos. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

7- Anexo I

Questionário aplicado aos estudantes

Nome: _____

Idade: _____

Gênero Musical que mais ouve: _____

Nome de uma música que mais gosta : _____

Qual o motivo de gostar dessa música: _____

Onde costuma ouvi-la: _____